



CONFRONTO DE FICÇÕES: BACURAU E RESISTÊNCIA FRENTE AO IMPERIALISMO NA ERA DO CAPITALISMO GLOBAL

Marcello Gaiani Bragatto
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: marcello.g.bragato@gmail.com

Mário Victor Marques Margotto
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: mvmargotto@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma leitura do filme *Bacurau* (2019), dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. O trabalho pretende realizar essa análise através de três das possíveis camadas de construção da narrativa fílmica, as quais se apresentam como uma, acreditamos que proposital, sobreposição de estilos antagônicos – como a ficção científica, a distopia, o horror, o *gore* e o *western* (faroeste) norte-americano. Acreditamos que o embate dessas “ficções” dá o caráter provocador da obra, a qual atua como um campo de conflitos heterotópico e evidencia as ambiguidades e contradições entre os discursos presentes na narrativa e o contexto político-econômico da conjuntura brasileira e mundial atual, bem como seus determinantes históricos. Dessa forma, a primeira camada abordará a leitura do que colocamos como confronto de ficções, evidenciando os gêneros presentes na obra e as inversões dadas ao uso próprio dos mesmos estilos na narrativa. Na segunda camada, uma breve leitura da realidade latino americana frente às forças imperialistas do capitalismo globalizado e uma aproximação com o conceito de decolonialidade. Por fim, uma investigação sobre o cenário e as locações na construção da narrativa fílmica, discutindo desde construções específicas e o lugar onde o filme foi gravado.

Palavras-chave: Bacurau. Cinema brasileiro. Gêneros de ficção. Narrativa fílmica.

Introdução

Bacurau, filme dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, lançado neste ano de 2019, se mostra como uma mistura de gêneros aparentemente antagônicos entre si - que vai da distopia, ficção científica, suspense, horror, *gore*, até os *western* norte-americanos -, mas que desta forma consegue construir uma narrativa complexa com diversas camadas que confrontam-se entre si e conversam com a conjuntura político-econômica brasileira e mundial - exploraremos algumas dessas camadas a partir de uma leitura própria deste trabalho, sem pretensão alguma de esgotar o assunto. Da mesma maneira que seu antecessor *Aquarius* (2016), do diretor Kleber Mendonça Filho, o lançamento do filme apresenta um *timing* preciso em relação à uma realidade brasileira em confronto com as forças imperialistas do mercado globalizado.



Cenas de tiroteio e matança no melhor estilo *western* e também *gore* “tarantinesca” compõem boa parte do filme, mas a narrativa, como pretendemos mostrar, se apresenta como um confronto entre ficções hegemônicas e ficções de resistência, entre discursos e imaginários que criam um embate mais complexo: o filme como um verdadeiro campo de batalha heterotópico. Contudo, diferentemente da violência catártica dos filmes de Tarantino, por exemplo, *Bacurau* se utiliza da violência em doses que contrariam uma mera expectativa de vingança. A questão do filme é outra, a da resistência de um povo frente ao progressismo e desenvolvimentismo modernos.

Nesse sentido, acreditamos também que *Bacurau* alcança sua potencialidade crítica ao não ser lido por uma ótica maniqueísta - do bem contra o mal, os mocinhos e os bandidos - pois a narrativa fílmica navega nesse complexo de estilos e discursos, evidenciando suas contradições e embates. A escolha desses estilos, como queremos dizer, não foi ao mero acaso. O ponto crucial, para nós, é o embate entre o Norte global e o Sul global, bastante evidente: os invasores - enquanto que nas histórias dos *westerns* norte-americanos muitas vezes eram protagonizados pelos índios¹, através de uma lógica de estigmatização para cobrir o verdadeiro invasor (o homem branco) - são agora outros.

Esses contrastes e contradições no filme evocam os efeitos da “mundialização”, que segundo Augé (2012), é constituída, por um lado, pela “globalização”, “que corresponde à extensão sobre toda a superfície do globo do mercado dito liberal e das redes tecnológicas de comunicação e de informação”, e por outro lado, “ao que poderíamos chamar de consciência planetária ou ‘planetarização’” (AUGÉ, 2012, p.33). É nesse contexto que ocorrem as contradições entre o global e o local, o exterior e o interior, entre as forças de homogeneização e a história não hegemônica a partir do ponto de vista de um povo. As contradições se fazem presentes por todo planeta, pois o dito progresso moderno não abarca sua totalidade de concretização, por mais que os meios de comunicação e informações de massa nos deem essa impressão.

“o global é o sistema do qual acabo de falar, mas considerando de seu próprio ponto de vista, do ponto de vista do sistema: é, portanto, o *interior*;

¹ Ver artigo de OLIVEIRA e AZEVEDO (2010) sobre a construção da imagem do povo indígena sob as lentes do cinema popular norte-americano de estilo faroeste.



e, ainda desse ponto de vista, o local torna-se o *exterior*. No mundo global, global opõe-se a local como interior a exterior. Quando Fukuyama evoca o ‘fim da história’ para salientar que a associação democracia representativa-economia liberal é intelectualmente intransponível, ele introduz, ao mesmo tempo, uma oposição entre sistema e história que reproduz a existente entre global e local. No mundo global, a história, no sentido de uma contestação do sistema, só pode vir do exterior, do local. O mundo global supõe, ao menos idealmente, supressão das fronteiras e das contestações em prol de uma rede de comunicação instantânea” (AUGÉ, 2012, p.35).

Metodologia

Aqui serão abordadas as camadas de leitura da narrativa fílmica de *Bacurau*, de acordo com a proposta deste trabalho, sendo: (1) a primeira camada aquela que se apresenta como um confronto de ficções, evidenciada pela mescla de diferentes estilos e gêneros do cinema popular norte-americano e brasileiro; (2) a segunda camada como uma leitura da América Latina frente às forças hegemônicas de opressão e uma aproximação com o conceito de decolonialidade; (3) e a terceira camada como uma interpretação dos espaços e do cenário da vila. A fim de reforçar o uso dessa metodologia de análise e ilustrar essa abordagem em específico – na qual o filme se mostra forte nesse quesito – utilizaremos os conceitos de “espaço liso” e “espaço estriado” de Deleuze e Guattari (1997).

Camada 1: entre a ficção hegemônica e a ficção de resistência

Nessa etapa, realizaremos uma leitura de três gêneros de cinema e suas inversões apresentadas na narrativa do filme. Primeiro, abordaremos a questão da violência gratuita ou catártica, presente em especial nos filmes de Quentin Tarantino e nos *westerns* norte-americanos - uma das inversões realizadas pelo filme se dá na resposta violenta à invasão estrangeira, mas sem com isso querer dizer que a saída para esses conflitos seria a barbárie². Em um segundo momento, investigaremos rapidamente a teoria e poéticas do gênero da ficção científica a partir dos estudos realizados por Darko Suvin em seu livro *Metamorphoses of science fiction* de 1979,

² Ver texto de Eduardo Escorel na Folha de São Paulo, **Bacurau - Celebração da Barbárie**. Fonte: https://piaui.folha.uol.com.br/bacurau-celebracao-da-barbarie/?fbclid=IwAR3T2_x6q7TUMpkqTOC3NICLrnK2bw0P6k4JpS_gfkUA6fwiSpgAjcD5knl.



o qual “introduziu ideias que permanecem centrais na crítica da ficção científica: estranhamento cognitivo, o *novum* e o *link* genético com a utopia” (tradução nossa de CSICSERY-RONAY, 2003, p.118), evidenciando também assim os modos de utilização do gênero no filme. E por fim, uma leitura sobre o gênero da distopia, antiutopia, ou ainda, da utopia invertida, a qual “é, sempre e essencialmente, aquilo que na linguagem da crítica de ficção científica se chama de romance do ‘futuro próximo’: conta a história de um desastre iminente” (JAMESON, 1994, p.69). Contudo, a distopia aqui parece muito diferente daquelas inseridas no grande circuito do cinema mundial ou *hollywoodiano*, pois estas geralmente apontam catástrofes mais genéricas em que o mundo inteiro - ou o centro do poder mundial, o Norte global - entra em colapso, hora por catástrofes ambientais ou nucleares, hora por colapsos sistêmicos, hora pela invasão de alienígenas. *Bacurau*, ao contrário, nos diz tanto de um “futuro próximo”, a partir de um ponto de vista local, quanto do próprio presente. É uma distopia, que para certos grupos, se efetua.

Camada 2: a resistência de um povo e seus confrontos

A segunda camada diz respeito à própria comunidade em si e o que ela representa nesse panorama mundial da oposição global-local, da globalização e da mundialização. Nesse sentido, podemos perceber que esse enfrentamento e resistência da comunidade dialoga com o conceito de “decolonialidade” (MIGNOLO, 2017), uma vez que a comunidade apresenta um modo de vida próprio independente do desenvolvimentismo apresentado pela figura dos invasores e de suas ramificações no local – como, por exemplo, o prefeito e os “paulistas” que corroboram com suas ações e tentam fazer parte do grupo invasor.

Camada 3: o cenário e locações na construção de uma narrativa

Por fim, analisaremos alguns locais-chave do cenário do filme, sendo estes escolhidos pelo trabalho: A Igreja, A Escola, O Museu e A Casa de Damiano. Acreditamos que tais construções, através de seus usos e das suas relações com o povo do vilarejo, nos dizem bastante sobre a vida e a mentalidade local, invertendo também a lógica dos próprios lugares no contexto global e local.



Considerações finais

A proposta deste trabalho é apresentar uma leitura, dentre as várias possíveis, de três camadas inseridas na narrativa fílmica de Bacurau, identificadas pelos autores, sem pretensão, como já dito anteriormente, de esgotar o assunto. O objetivo central é enveredar por caminhos específicos as análises e críticas de uma obra cinematográfica rica em sua estruturação. Propõe-se, assim, uma leitura aberta que busca ampliar as discussões sobre o filme e suas técnicas no que concerne a narrativa de ficção e os seus gêneros. Bacurau, como queremos colocar, é um filme rico em suas camadas e contradições, pluralidades e inversões, residindo aí mesmo sua particularidade e sua potência crítica e criativa.

Referências Bibliográficas:

AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Campinas, SP: Papirus, 2012.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux, Said Ben Said, Michel Merkt. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2019.

CSICSERY-RONAY, Istvan. Marxist theory and science fiction. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah. (Org.) **The Cambridge Companion to Science Fiction**. New York: Cambridge University Press, 2003. p.113-124.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, Vol. V. São Paulo: Editora 34, 1997.

JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

OLIVEIRA, L. T. B.; AZEVEDO, S. C. S. Índios na Mira: Um Olhar sob os Filmes do Gênero Western. In: **Intercom Nordeste**, 2010, Campina Grande. Comunicação, Cultura e Juventude, 2010.